

Novo Reitor da UFF

Em solenidade no Cine Art UFF, no dia 19 de novembro de 1998, tomou posse, como Reitor da UFF, o professor **Cícero Mauro Fialho Rodrigues**. Um dos destaques da cerimônia foi o discurso de saudação ao empossado, proferido pelo professor **Luiz Antonio Botelho de Andrade**, diretor do Instituto de Biologia (CEG), que transcrevemos a seguir:

As idéias que desenvolverei neste discurso de saudação não são apenas minhas mas, acima de tudo, nossas, fruto de um viver compartilhado com vários dos senhores e senhoras, hoje aqui presentes. Isto porque o individual e o social interpenetram e determinam-se mutuamente numa rede de conversações que se cruzam, se fertilizam, se completam e se negam, ao mesmo tempo, numa ciranda de interações em que o surgimento e a existência de um exige sempre a existência do outro. Se aceitarmos isto como verdade, não há sentido nos julgarmos seres completos e acabados, isolados dos demais, traçando de forma solitária nosso caminho. É importante reiterar que o caminho nunca nos é dado a priori. O caminho, ele mesmo, se faz ao caminhar, como nos ensina o poeta. Se não há caminho, e ele emerge da praxis humana, o futuro pode ser inventado, construído e reconstruído. Algumas vezes, como agora, podemos antevê-lo como problemático e cinzento, mas nunca imutável como preconiza o discurso neoliberal [...]. E eu conclamo a todos a desvendar este discurso e resistir com nossa utopia de criar e de manter a Universidade pública, laica, gratuita, de qualidade, autônoma, comprometida com o seu tempo e com a sociedade que a sustenta. Para resistir, não necessitamos somente de competência mas também de compromisso. O compromisso de pessoas juramentadas pela causa da educação, de pessoas que não se vendem, mesmo no desespero de uma política salarial perversa como esta que atravessamos.

Somos cômicos que a educação por si mesma não resolverá todos os problemas da sociedade como a desigualdade social, da qual somos campeões entre as nações, o subemprego e a exclusão social. No entanto, a educação é uma condição necessária para o equacionamento de todas as demais questões. Devemos continuar o nosso embate interno, sincero, para o aperfeiçoamento de nossa Instituição. Não podemos, entretanto, perder de vista as verdadeiras forças que teimam em utilizar algumas de nossas mazelas, que são reais, para intervenções muito mais profundas e daninhas. Teremos que nos unir e respaldar o nosso Reitor na luta conjunta contra as políticas privatizantes da Universidade ou para a Universidade.

Algumas delas já presentes, legitimadas por afirmações que a crise é mundial e de que necessitamos de

capital estrangeiro para nos mantermos, quando é evidente que ele nos empobrece cada vez mais pela prática espúria da agiotagem internacional.

Mas hoje é um dia de festa e quero usar parte deste tempo para saudar o nosso Reitor eleito, **Professor Cícero Mauro Rodrigues Fialho**, e a sua equipe que, juntos, estarão à frente desta Universidade nesta virada de milênio. Farei esta saudação a partir de dois referenciais, um enquanto membro do Conselho Universitário desta importante Instituição de Ensino e o outro, enquanto biólogo, base de minha formação acadêmica e cosmovisão.

Enquanto membro do Conselho Universitário, me permitirei fazer alguns comentários sobre nossa Universidade e sobre alguns dos nossos desafios. Enquanto biólogo, ousarei falar de algumas características do ser e do fazer humano. Por fim, entrecruzando estes dois movimentos, ressaltarei algumas características da personalidade do Professor Cícero Mauro Rodrigues Fialho, que eu acredito serem essenciais para a garantia da criação e manutenção dos espaços democráticos necessários à construção coletiva do nosso Projeto de Universidade.

Como dizia o preclaro ex-Reitor da Universidade de Campinas, Prof. Zeferino Vaz, uma Universidade se faz primeiramente com gente, depois gente e gente, só depois vem as bibliotecas e a infraestrutura em geral. Portanto meu comentário sobre a Universidade se restringirá às pessoas e não a infraestrutura. A UFF conta com um corpo docente bem qualificado, dos 2561 professores em exercício na graduação, pós-graduação e 2º grau, 653 são doutores, 1069 são mestres, 383 são especia-listas e 456 são graduados, grande parte deste contingente em regime de dedicação exclusiva. Competência portanto não nos falta. Falta mais compromisso [...]. Portanto, Sr. Reitor, deveremos traçar metas e políticas acadêmicas claras para evitar a evasão de nossos cérebros para as universidades privadas (processo já em curso) que, diga-se de passagem, não gastaram nada para a formação dos mesmos. Deveremos ousar, através de projetos estratégicos e políticas de médio e longo prazos, na atração e fixação de talentos jovens e maduros para atuarem como multiplicadores.

Com relação ao corpo técnico-administrativo, a situação não é muito diferente daquela que eu

observo no corpo docente. Embora bastante qualificado, uns continuam a trabalhar pelos outros, alguns se encontram desmotivados e outros simplesmente imersos na cultura do não fazer. Acredito Sr. Reitor, que a mudança, para melhor, passa pelo estímulo, treinamento, compromisso mas, sobretudo, respeito humano e valorização profissional. Se o homem, no seu sentido genérico, é a condição *si ne qua non* do sucesso de qualquer Instituição, gostaria, neste momento, de fazer um resgate de nossa humanidade, através dos ensinamentos de um importante pensador chileno, nosso contemporâneo, Humberto Maturana. Ele nos ensina que o humano se constitui na história dos primatas bípedes, à qual pertencemos, com a origem da linguagem. A linguagem se originou na intimidade de pequenos grupos de nossos antepassados, que conviviam na sensualidade, compartilhando alimentos, na participação dos machos na criação das crianças e nas coordenações de conduta que isso implicava. Ali surgiu a linguagem como um domínio de coordenações consensuais de conduta. À esta rede cooperativa da comunidade lingüística subjaz uma emoção básica do mamífero e do primata que tornava possível a legitimidade e a aceitação de um pelo o outro. Esta emoção básica tem um correspondente afetivo que em nossa cultura chamamos de amor. Esta história evolutiva, transgeracional, do fluir do homem na linguagem e com a linguagem, tem aproximadamente três milhões de anos. A esse fluir entrelaçado de linguajar e emocional denomina-se conversar. Essa palavra vem de duas raízes latinas: *cum*, que quer dizer com, e *versare*, que quer dizer dar voltas com o outro. Isto não é trivial. E é por isso que devemos ter muito cuidado com o conteúdo de nossa fala e da forma com a qual falamos pois com a linguagem configuramos o mundo que trazemos às mãos e com a linguagem poderemos transformá-lo.

Infelizmente nossa cultura opõe emoção e razão como se se tratasse de dimensões antagônicas do nosso espaço psíquico. Falamos como se o emocional negasse o racional e dizemos que é o racional que define o humano. Entretanto, como nos ensina Maturana, sabemos através do nosso viver cotidiano que, quando negamos nossas emoções, nenhum raciocínio pode apagar o sofrimento que geramos em nós mesmos ou nos outros.

Todo sistema racional e, de fato, todo raciocinar, se dá como um operar nas coerências da linguagem partindo de um conjunto primário de premissas fundamentais, explícitas ou implícitas mas aceitas *a priori*. Acontece que toda aceitação apriorística se dá

partindo de um domínio emocional particular, no qual queremos aquilo que aceitamos e aceitamos aquilo que queremos, sem outro fundamento a ser o nosso desejo que constitui e se expressa em nosso aceitar.

Assim, todo sistema racional tem fundamento emocional e é por isso que nenhum argumento racional pode convencer alguém que já não estivesse de início convencido.. Só a emoção é capaz de mudar as referências de nossas racionalizações.

Disto decorre que a guerra nós a fazemos A miséria não é um acidente histórico, é também obra nossa. Somos também co-responsáveis, enquanto membros da mesma cultura, quando nossos adolescentes queimam índios e mendigos na rua, quando a nossa polícia elimina crianças dormindo, quando nossos governantes deslocam o dinheiro público para sanar bancos falidos. Viver assim, na negação da consensualidade, do amor e da ética, como fundamento de nossas diferentes maneiras de coexistência constitui a negação da humanidade.

Por tudo isso, Professor Cícero, agora Magnífico Reitor, dirijo-lhe minhas últimas palavras, seja firme e austero na defesa intransigente da Universidade Pública, de nossa Universidade. Não se deixe intimidar pelas pressões internas e externas. Exija, com exemplos, o compromisso desta Instituição para com a nossa causa maior que é a formação de jovens e a educação. Seja exigente consigo mesmo e para com a sua equipe no cumprimento das decisões colegiadas. No entanto, meu querido amigo, não perca algumas de suas virtudes, as quais sempre marcaram sua trajetória pessoal e pelas quais muitos de nós o elegemos: a ética, a presença, sua capacidade de ouvir e de trabalhar em equipe e o respeito para consigo e para com os outros, inclusive aqueles mais humildes. Não se deixe influenciar por quem quer que seja motivado por revanchismos e políticas excludentes. Não se curve pela sedução do poder. Não se aliene pelas benesses do cargo. Não faça nenhum acordo explícito ou implícito, instrumentalizado ou não, para se manter no cargo por mais quatro anos. Se a comunidade universitária assim o quiser ela lhe dará o sinal, em tempo oportuno. Porque ao final, meu amigo, você já deve saber, tudo isso é passageiro e o que restará de mais gratificante será o caminho percorrido e sobretudo a abertura desta Universidade para o porvir.

Obrigado